

APRESENTAÇÃO

Dando prosseguimento à proposta de estabelecer aproximação com temas relacionados a eixos temáticos que se conectam com o diálogo interdisciplinar e intercultural voltado às questões relacionadas aos povos indígenas, cultura, diversidade, cosmologia, territorialidades, educação, direitos, memória, identidade, patrimônio cultural, arqueológico, paleontológico, museológico e ambiental, esta edição da Moitará traz trabalhos que se conectam com as dimensões propostas. Representam contribuições acerca de temas relevantes no contexto da antropologia, da historiografia das lutas de povos indígenas, da arqueologia, em especial da arqueogeografia e arqueologia da morte em sua subárea a arqueologia funerária, e da educação. Agrega 5 trabalhos que passamos a apresentar:

A edição tem início com o artigo intitulado **POPULAÇÕES INDÍGENAS RESSURGENTES: o movimento dos indígenas não aldeados do triângulo mineiro e alto Paranaíba (MInA)**, no qual Isaac Pereira da Silva e Marcel Mano apresentam a história do Movimento dos Indígenas não Aldeados do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba - MG (MInA). Trata-se de um trabalho que busca resgatar a história e memória das lutas indígenas no Brasil, em especial "trazer à tona a trajetória de resistência das Cacicas Kaun Poty Guarani e Kawany Tupinambá, além de outras lideranças que marcaram a luta indígena em contexto urbano na cidade de Uberlândia/MG e região". Descreve a história e etnicidade desse movimento; os marcos e os objetivos da luta indígena em contexto urbano; sua contemporaneidade que resulta na construção da OCA - Centro Cultural Indígena Aldeia Kaun Poty Guarani sob a liderança de Cacica Kawany Tupinambá, e um memorial aos anciões do coletivo. Os autores buscam demonstrar que a emergência do movimento "se insere em um processo mais amplo de ressurgências indígenas no Brasil, nos quais a memória, o autorreconhecimento e a territorialização constituem elementos centrais de reafirmação da identidade étnica e da etnologia brasileira acerca da contemporaneidade indígena no Brasil."

Na sequência, o trabalho de Ana Laura Vinhais e Marcel Mano, cujo título é **CAYAPÓ E PANARÁ: Caminhos e destinos históricos**, em um diálogo entre Antropologia, Etnologia e História, investiga as relações entre os Panará e os Cayapó do Sul. Autora e autor valem-se de fontes bibliográficas e documentais para levantar "aspectos sociais, linguísticos, ontológicos, técnicos e rituais que permitem pensar as conexões entre os grupos Cayapó citados nas fontes documentais e os atuais Panará". Este diálogo interdisciplinar viabiliza "uma releitura do passado a partir da perspectiva da alteridade, com a intenção de se opor aos modelos de extinção e assimilação e mostrar como processos de transformação, continuidade, hibridação e etnogênese se fizeram presentes na história desse povo indígena." Com base no cruzamento dos dados e na análise realizada concluem que há continuidade histórica e cultural entre os povos estudados. Esta perspectiva, como

afirmam, “se sustenta sobre análises linguística, fonética, de técnicas, das mitologias, da simbólica interna, da produção de corpos e pessoas, dos cultivos e práticas rituais.”

No trabalho: **AVALIAÇÃO DE IMPACTO AO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO EM MINAS DE CALCÁRIO E ARGILA EM PITIMBU/PB**, Carla Verônica Pequini e Anne Noemi França Miranda buscam expor de maneira clara e fundamentada, os resultados obtidos a partir da Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico realizada no âmbito do Projeto de Implantação das Minas de Calcário, Argila e do Depósito Controlado de Estéril, localizado no município de Pitimbu, no estado da Paraíba. Por meio desta produção, procuram não apenas registrar os achados e análises decorrentes do estudo, mas também promover a necessária extroversão científica, contribuindo para a difusão do conhecimento e para o fortalecimento do diálogo entre a pesquisa arqueológica, a preservação do patrimônio cultural e o desenvolvimento econômico regional.

Patrícia de Oliveira e Mauro Alexandre Farias Fontes em **OS ESPAÇOS FUNERÁRIOS EM ARARAQUARA/SP: Uma Interpretação Arqueogeográfica dos Conflitos de Classes**, com base na arqueogeografia buscam, em duas paisagens cemiteriais da cidade de Araraquara, refletir sobre a organização social local entre os séculos XIX e XX, e, desta forma, apresentar e interpretar a história pela ótica não hegemônica. Analisam, de forma interdisciplinar, dois espaços funerários: Os Cemitérios São Bento e dos Britos enquanto produto da sociedade e, por isso, reflexo de suas vivências, ideologias e ações. Entendem, como afirmam, “que as paisagens que compõem esses espaços, estão carregadas de símbolos e significados expressos nos elementos materiais que preenchem tais cenários”, chamando a atenção para a necessidade de olhar para estes espaços com criticidade a fim de “interpretar e explicitar essas histórias que, ao longo do tempo, sofreram e sofrem tentativas, muitas vezes bem-sucedidas, de silenciamento e apagamento perante a sociedade.” Através da análise empírica das práticas funerárias e das informações obtidas na literatura, inferem sobre as disputas sociais que se estabeleceram na cidade de Araraquara no período em questão (final do século XIX ao início do século XX), tempo que, “além de modelar os espaços funerários, promoveram as práticas sociais dos munícipes do passado e de hoje.”

Por último em **MANIFESTO POÉTICO PELA EDUCAÇÃO E ARTE: Educação Terrana** Rosana Silva, fundamentada em estudos e em sua prática educativa ao longo de 25 anos, apresenta em um artigo manifesto as condições criadas pelo atual modelo de desenvolvimento econômico, político e social da sociedade industrial e capitalista e como este modelo impacta no modelo educacional, impondo uma educação antropocêntrica, colonialista e voltada para os interesses do consumo e do lucro. Em contraposição a este modelo que não educa para a preservação da natureza e por conseguinte contribui para a degradação do planeta Terra e condições de vida das pessoas, a autora apresenta uma proposta de educação na perspectiva da Educação Terrana como prática do bem viver. Trata-se, como afirma, de uma proposta de orientação teórico-metodológica pensada a partir de estudos realizados no longo período de sua prática docente. Neste artigo manifesto, com liberdade poética, propõe ideias para que, como ensinam Ailton Krenak e outros teóricos e filósofos que refletem sobre o mundo em que

vivemos e a educação, possamos adiar o fim do mundo. A autora escreve sobre meio ambiente, espiritualidades tradicionais, poesia, educação ambiental e artes cênicas que para ela são “indicativos para educadores atuarem com intenção de transformação de mentalidades e realidades forjadas no Antropoceno, para que possamos criar espaços/mentes ancoradas em saberes ancestrais redirecionando caminhos para que seja possível a concretude do Bem Viver”. Seu trabalho é, como destaca, “uma conversa orientada pela poesia” que convida o/a leitor/a para a reflexão sobre o atual modelo educacional e a possibilidade de desenvolvermos uma educação voltada para a arte, com beleza e cuidado, respeitando a mãe natureza e o planeta Terra. Educar, como diz, “pessoas natureza”, que não separam natureza e cultura. Como nos indica, “Educar para a poesia da vida é tão necessário quanto alfabetizar. Reaprender a ser natureza pode nos salvar de nós mesmos.”

Ao reunir vozes, temas, e questões de universos diversos, esta edição da Revista Moitará pretende convidar os leitores para uma experiência múltipla e diversificada.

Desejamos uma boa leitura!!!